RALED
VOL. 24(2) 2024

ARTÍCULO

Do gênero para a espécie: usos do Plural de Indeterminação Universal

From the gender to the species: applications regarding Plural of Universal Indeterminacy

RENAN PAULO BINI
Universidade Estadual Do Oeste Do Paraná / Capes
Brasil

Recebido: 23 de novembro de 2023 | Aceito: 8 de julho de 2024
DOI: 10.35956/v.24.n2.2024.p.160-176

RESUMO

Este artigo descreve a mobilização de um uso retórico da Primeira Pessoa do Plural com função inclusiva: o *Plural de Indeterminação Universal*, estratégia de integração de um coletivo amplo e abstrato, que engloba toda a humanidade ou a uma fração ampla dela. Para a descrição, foram selecionados 36 textos publicados em revistas de cultura e literatura, no Brasil e em Portugal, em que produtores utilizam a Primeira Pessoa do Plural. Desses textos, verificou-se que, em 10, há a mobilização do *Plural de Indeterminação Universal*, usos que são analisados e descritos no artigo, com a perspectiva qualitativa, embasada, principalmente, na Retórica e na Linguística Enunciativa, como os estudos de Wang e Karimi (2019), Manetti (2015), Marques e Ramos (2015), Fauci (2016), Bini (2023), entre outros. No *corpus*, o *Plural de Indeterminação Universal* está relacionado a três tipos: *gênero*, para destacar e validar experiências e perspectivas femininas; *condição humana,* para lembrar os aspectos universais da experiência humana; e *temporalidade*, para engajar a reflexão sobre a passagem do tempo.

PALAVRAS CHAVE: *Retórica. Linguística Enunciativa. Sinédoque. Generalização. Primeira Pessoa do Plural.*

RESUMEN

Este artículo describe la movilización de un uso retórico de la Primera Persona del Plural con función inclusiva: el *Plural de Indeterminación Universal*, estrategia de integración de un colectivo amplio y abstracto, que engloba toda la humanidad o una amplia fracción de ella. Para la descripción, se seleccionaron 36 textos publicados en revistas de cultura y literatura, en Brasil y en Portugal, en los que los productores utilizan la Primera Persona del Plural. De estos textos, se verificó que, en 10, hay una movilización del *Plural de Indeterminación Universal*, usos que se analizan y describen en el artículo, con la perspectiva cualitativa, basada, principalmente, en la Retórica y en la Lingüística Enunciativa, como en los estudios de Wang y Karimi (2019), Manetti (2015), Marques y Ramos (2015), Fauci (2016), Bini (2023), entre otros autores. En el corpus, el *Plural de Indeterminación Universal* está relacionado con tres tipos: *género*, para destacar y validar experiencias y perspectivas femeninas; *condición humana*, para recordar los aspectos universales de la experiencia humana; y *temporalidad*, para involucrar la reflexión sobre el paso del tiempo.

PALABRAS CLAVE: *Retórica. Lingüística Enunciativa. Sinécdoque. Generalización. Primera Persona del Plural.*

ABSTRACT

This paper describes the mobilization of a rhetorical use of the First Person Plural with an inclusive role: the *Plural of Universal Indeterminacy*, a strategy of integrating a broad and abstract collective, which has encompassed the whole human being or a large part of it. For description, 36 published

texts in culture and literature journals, in Brazil and Portugal, were selected, since the authors use the First Person Plural. Ten of these documents have shown some mobilization regarding the *Plural of Universal Indeterminacy*, uses that are analyzed and described in the paper, with a qualitative perspective, mainly based on Rhetoric and Enunciative Linguistics, as in the studies of Wang and Karimi (2019), Manetti (2015), Marques and Ramos (2015), Fauci (2016), Bini (2023), among other authors. In its *corpus*, *Plural of Universal Indeterminacy* refers to three kinds: *gender*, to highlight and validate female experiences and perspectives; *human condition*, to recall the universal aspects of human experience; and *temporality*, to engage some thought on the passage of time.

KEYWORDS: *Rhetoric. Enunciative Linguistics. Synecdoche. Generalization. First Person Plural.*

Introdução

Neste artigo[1], apresentam-se discussões sobre uma marca linguística específica utilizada para generalizar a Primeira Pessoa do Plural (PPP): o *Plural de Indeterminação Universal*, que se refere ao *produtor + generalizações + audiência*. O *Plural de Indeterminação Universal* é uma estratégia retórica que se manifesta de maneiras particulares na língua portuguesa. Basicamente, é a utilização da PPP de forma a englobar uma audiência vasta e indeterminada, tornando a linguagem inclusiva e generalizada. Este plural não se refere apenas a quem fala e a um grupo específico, mas a um coletivo muito maior e abstrato, que contempla toda a humanidade ou uma fração extremamente ampla dela, presente ou não no contexto imediato[2].

A indeterminação, na modalidade escrita, torna-se ainda mais evidente, uma vez que não é possível precisar a audiência a quem o texto se dirige, sendo ela virtual/inferida. Assim, a função retórica do *Plural de Indeterminação Universal* é criar no leitor uma sensação de pertencimento e inclusão, mesmo em situações em que o público é vasto e indefinido. Ao utilizar essa ferramenta linguística, um produtor pode buscar estabelecer uma conexão mais próxima e universal com seus leitores ou atuar como voz autorizada perante um determinado tema, transmitindo a ideia de que a mensagem é relevante e aplicável a um grupo vasto, que extrapola a audiência.

Para a seleção do *corpus* de análise, inicialmente, foram selecionados periódicos que possuem proximidade de conteúdos, um no Brasil e outro em Portugal. A busca evidenciou que tanto a revista *Cult* (Brasil) quanto a *Nova Águia* (Portugal)[3] apresentam dossiês, abordando temas como filosofia, cultura, e literatura, entre outros relacionados às ciências humanas. Para uma investigação

1 O presente artigo dá continuidade a um recorte da pesquisa de Doutorado desenvolvida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) (Bini, 2023).

2 Por exemplo, ao dizer "**Nós**, seres humanos, **temos** a responsabilidade de cuidar do planeta", a frase não se refere apenas ao grupo imediato que a ouve ou lê, mas a todos os humanos. Esse plural engloba uma audiência tão vasta que é quase impossível determinar precisamente quem são seus componentes. É uma estratégia retórica em nível linguístico que faz um convite aberto, sem restrições, para que todos se sintam incluídos no discurso, e que é mobilizada não só na Língua Portuguesa, mas em todas as línguas europeias contemporâneas.

3 A *Cult* é uma revista mensal brasileira voltada às áreas de arte, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas e possui a seção fixa Dossiê, desenvolvida não só por jornalistas, mas também por pesquisadores das respectivas áreas de discussões (Cult 2023), o que confere certo grau de autonomia e de cientificidade aos textos. Já a *Nova Águia* é uma revista semestral portuguesa voltada à cultura e à literatura lusófona, sendo uma homenagem à Águia, uma das mais importantes revistas portuguesas do século XX, e teve a colaboração de célebres escritores portugueses, como Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Raul Proença, Leonardo Coimbra, António Sérgio, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva (Zéfiro 2020). Também considerando uma seleção de textos publicados em dossiês de 2018, nas revistas *Cult* e *Nova Águia*, foram desenvolvidas outras pesquisas, que investigam outros fenômenos retóricos relacionados à PPP: investigação sobre o *páthos* ligado a três tipos diferentes de grupos virtuais, ligados à PPP, que envolvem a noção de território e cultura compartilhada em um espaço geográfico (Bini e Sella 2023); investigação sobre os usos do *Plural de modéstia* como uma estratégia de atenuação da presença autoral (Bini e Sella 2024).

inicial, foram lidos todos os dossiês publicados na revista *Cult* e na *Nova Águia* em 2018. Devido às características dos veículos de comunicação selecionados e dos temas abordados nos textos investigados, verificou-se a possibilidade de evidenciar a audiência possível/provável (virtual, à medida que é projetada/inferida pelo articulista durante o processo de escrita).

Os dossiês são escritos por especialistas das áreas tratadas, cuja audiência, geralmente, também possui conhecimento nesses campos. Assim, os produtores dos textos publicados nos dossiês exploram elementos externos para fundamentar a elaboração, conseguindo a adesão de seus leitores às suas teses. Após a verificação inicial dos dossiês, como recorte de pesquisa, optamos por descrever os usos observados do *Plural de Indeterminação Universal*, num *corpus* formado por textos publicados em seis dossiês de 2018 que compartilham proximidade temática, sendo três sobre personalidades da cultura e da literatura portuguesa, na *Nova Águia*, Português Europeu (PE); e três sobre personalidades da cultura e da literatura brasileira, na *Cult*, Português Brasileiro (PB). A seguir, nos seis dossiês, foram selecionados para a composição do *corpus* a totalidade de textos em que articulistas mobilizaram a PPP, totalizando 36. De acordo com Melo e Assis (2016), o dossiê é um tipo de texto jornalístico interpretativo que é publicado principalmente em periódicos especializados, que possuem audiência específica e segmentada. Os dossiês têm muitas páginas, o que possibilita a ampla discussão sobre um tema relevante[4].

Após a escolha dos dossiês, para delimitação do *corpus*, propomos um estudo que contempla as marcas linguísticas que materializam a PPP: o pronome pessoal *nós*, os verbos flexionados, os pronomes oblíquos *nos* (átono), *nós* e *conosco* (tônicos) e os possessivos *nosso(s)* e *nossa(s)*[5]. A seguir,

4 Ao utilizar o termo "relevante", refere-se à importância percebida tanto por quem organiza quanto por quem consome o conteúdo dos dossiês. Tradicionalmente, os dossiês são publicados em periódicos especializados e tendem a focar em temas de interesse para sua audiência específica e segmentada. A organização de um dossiê costuma ser feita por editores ou especialistas no tema proposto, que selecionam, revisam e compilam os textos. Quanto ao gênero discursivo dos textos publicados em um dossiê, eles podem variar entre reportagens, artigos de opinião, ensaios, entrevistas, entre outros, com uma abordagem mais profunda e interpretativa sobre o assunto em destaque. A título de exemplo, para a revista *Cult*, do Brasil, um tema relevante pode abordar questões culturais contemporâneas, literatura nacional, debates sociopolíticos, entre outros tópicos que ressoem com o contexto brasileiro atual. Já para a *Nova Águia*, de Portugal, a relevância pode estar atrelada a personalidades da cultura e literatura portuguesa, reflexões sobre a identidade nacional e discussões acerca de movimentos artísticos e intelectuais portugueses.

5 O *corpus* deste artigo é constituído por recortes textuais da modalidade escrita da língua portuguesa, em um gênero muito formal. Não foram observadas ocorrências do *a gente*, do possessivo *da gente* ou dos pronomes oblíquos *com a gente* e *com nós* nos textos analisados, nem no PB, nem no PE. Assim, as discussões teóricas deste artigo não aprofundam reflexões sobre essas variedades. A inexistência dessas formas nos textos que compõem o *corpus*, apesar de serem cristalizadas na modalidade oral-dialogada da língua portuguesa, evidencia, possivelmente, que ainda há uma preferência entre os produtores pela perspectiva tradicional da linguagem na norma escrita culta formal. Consideramos que essa preferência pode ser maior no perfil dos produtores dos dossiês que são, predominantemente, intelectuais e especialistas em literatura e cultura. A totalidade dos recortes que compõem o corpus pode ser consultada no Apêndice 1 da pesquisa de Bini (2023).

com base em estudos da Linguística Enunciativa e da Retórica[6], realizou-se a classificação das ocorrências, separando-se, para a análise, apenas as marcas linguísticas do *Plural de Indeterminação Universal*. Observou-se que essa estratégia retórica foi mobilizada em 10 textos, cujos recortes textuais compõem o *corpus* deste artigo.

No texto, apresentamos análises de recortes textuais representativos, orientadas por uma perspectiva descritivo-interpretativa e sustentadas em revisão bibliográfica, considerando a recorrência de determinados fenômenos nos recortes selecionados, e que representam considerável incidência no *corpus* da pesquisa de doutorado de Bini (2023). Para o cumprimento deste propósito, na Seção 1 *Perspectivas retóricas e referenciais na construção discursiva da Primeira Pessoa do Plural*, refletimos sobre perspectivas teóricas que fundamentam este artigo. As análises são apresentadas na Seção 2 *Resultados, análises e discussões*, que é seguida das considerações finais e das referências deste artigo.

1. Perspectivas retóricas e referenciais na construção discursiva da Primeira Pessoa do Plural

1.1 Tropos Retóricos, Sinédoque e auditórios universais

De acordo com Reisigl (2006: 597), o substantivo grego *tropós*, originalmente significando "volta" ou "direção", é derivado do verbo *trépein*, que significa "virar (para cima/ao redor)". O termo retórico clássico[7] engloba todas as figuras de linguagem que envolvem uma mudança de significado (ou seja, uma transferência linguística de uma esfera conceitual para outra). Convencionalmente, os tropos são considerados meios convencionalizados de expressão do discurso não literal, que é caracterizado por uma diferença (poeticamente) licenciada entre o significado "ordinário" literal e o significado "extraordinário" pretendido de um discurso.

6 A Linguística Enunciativa e a Retórica, embora originárias de tradições distintas, são, de fato, correntes complementares no estudo do discurso. A primeira, desenvolvida por Benveniste, investiga as formas pelas quais o discurso é moldado e interpretado em um contexto específico, considerando os interlocutores e as circunstâncias de enunciação. Já a Retórica, com suas raízes na arte da persuasão, examina os mecanismos pelos quais o discurso é organizado e estruturado para alcançar seus objetivos comunicativos, seja persuadir, informar ou entreter. Ao conjugar essas duas abordagens, este artigo busca não somente identificar as marcas linguísticas do *Plural de Indeterminação Universal*, mas também compreender a intencionalidade e os efeitos persuasivos de diferentes formas de sua utilização.

7 A retórica antiga entendia os tropos não simplesmente como meros ornamentos, mas como ferramentas essenciais na arte da elocução e disposição do discurso. Seu uso era percebido como uma estratégia estética que o orador empregava na busca pela persuasão da audiência. Hoje em dia, é quase lugar comum na retórica moderna, na linguística, na filosofia da linguagem e na ciência cognitiva que todas as áreas da linguagem estão impregnadas de tropos, e que os tropos, como metáforas, metonímias e sinédoques, funcionam como princípios cognitivos elementares que – muitas vezes inconscientemente – moldam e estruturam a percepção e o pensamento humano. Os tropos não estão mais exclusivamente associados à etapa da elocução; em vez disso, eles também estão relacionados à etapa da inventio e, claro, aos processos de recepção ou apreensão do discurso (Reisigl 2006).

Tropos de deslocamento de limites consistem em mover as fronteiras de campos semânticos vizinhos ou as fronteiras dentro de um mesmo campo semântico. Esses tropos são determinados por uma relação de inclusão ou contiguidade (factual) entre o que é dito ou escrito e o que é significado. Eles são divididos em duas subcategorias. Perífrase, litote, hipérbole, ênfase, antonomásia e sinédoque são atribuídas à primeira subcategoria. Eles são constituídos pelo deslocamento da fronteira dentro de uma esfera semântica. A segunda subcategoria envolve uma relação de adjacência, e é representada pela metonímia (Reisigl 2006).

O segundo tipo de tropos é rotulado como tropos de "salto". Em comparação com os tropos que envolvem o deslocamento de fronteiras, os tropos de salto são fundamentados em um "salto" de uma esfera semântica para outra que não é adjacente à primeira. Tradicionalmente, metáfora, alegoria e ironia são consideradas tropos de salto. Seu significado pretendido é encontrado em um domínio semântico que difere claramente do que é realmente dito ou escrito. Em análises retóricas concretas, uma distinção clara entre os dois tipos de tropos – bem como entre os tropos individuais alocados a esses dois tipos – nem sempre é viável, pois a participação trópica simultânea de realizações linguísticas específicas não é incomum (Reisigl 2006).

Segundo Ädel (2014), a metonímia é um termo abrangente para tipos diferentes de relações semânticas; isso se reflete na literatura, que contém muitos modelos para categorizar subtipos de metonímia. Para alguns pesquisadores, a sinédoque é classificada como um subtipo de metonímia, embora historicamente tenha sido considerada uma categoria separada, e ocorre quando um termo normalmente referente à parte de uma entidade é usado para representar a entidade inteira, seja para alargamento semântico, seja para estreitamento semântico[8].

Conforme Velasco-Sacristán (2010), um problema de demarcação é a distinção entre metonímia e sinédoque. Tradicionalmente, as metonímias parte-todo têm sido classificadas como sinédoque, embora na linguística contemporânea essa distinção entre metonímia e sinédoque seja frequentemente obscurecida. Pesquisadores como Velasco-Sacristán (2010) defendem um tratamento específico da sinédoque para se referir a relações "tipo de" (taxonomias), por exemplo, "homem/mulher para pessoa", em outras palavras, uma relação "espécie para gênero", enquanto as partonomias (relações parte-todo) podem ser chamadas de metonímias. Seguindo essa distinção recente entre metonímia e sinédoque, nos referiremos às relações gênero-espécie (por exemplo, homem/mulher para pessoa) como sinédoques e às relações parte-todo como metonímias.

De acordo com Reisigl (2006), sinédoques (do grego: "entender uma coisa com outra") são mudanças de significado dentro de um mesmo campo semântico: um termo é representado por outro, cuja extensão é semanticamente mais ampla ou mais restrita. Para o autor, dois tipos de sinédoques são distinguidos.

8 Michel Bréal (1992), um dos fundadores da semântica moderna, explorou profundamente as mudanças de significado das palavras ao longo do tempo. O alargamento semântico ocorre quando o significado de uma palavra se expande para abranger categorias ou conceitos adicionais que não estavam originalmente em sua definição. O estreitamento semântico, por outro lado, refere-se ao processo pelo qual o significado de uma palavra se torna mais específico ou restrito do que era anteriormente.

A sinédoque particularizante é constituída por uma relação representativa que consiste em um conceito semanticamente mais amplo representando um conceito semanticamente mais restrito. As três principais subcategorias deste tipo de sinédoques são *pars pro toto* (ou seja, a parte representa o todo, como em "Hitler [representando a Alemanha Nazista] foi finalmente derrotado"); *singularis pro plurale* (ou seja, o singular representa o plural, forma um "singular coletivo": "O suíço é trabalhador."), e *species pro genus* (ou seja, a espécie representa o gênero: "O refugiado não tem um centavo no nome ['centavo' representa 'dinheiro'].").

A sinédoque generalizante é estabelecida por um conceito semanticamente mais amplo que representa um mais restrito. As três principais subcategorias de sinédoques generalizantes são *totum pro parte* (ou seja, o todo representa a parte: "A Dinamarca é campeã mundial." [esta sinédoque é também uma metonímia]), *pluralis pro singulare* (ou seja, o plural representa o singular: Nós [representando uma única pessoa como uma rainha ou o presidente de um estado – *plural de majestade*] promulgamos uma anistia geral."), e *genus pro specie* (ou seja, o gênero representa a espécie: "A humanidade não aprendeu nada com a história.").

A investigação da relação entre o *Plural de Indeterminação Universal* e a sinédoque, proposta nesse artigo, especialmente do tipo *genus pro specie*, evidencia nuances da linguagem e mecanismos retóricos utilizados na modalidade escrita da Língua. O *Plural de Indeterminação Universal*, uma forma de referenciar uma audiência vasta, ambígua e indeterminada, busca englobar a audiência + generalizações[9], sem especificar exatamente quem compõe essa totalidade. Isto é, de certo modo, um reflexo da natureza da sinédoque *genus pro specie*, em que um gênero (uma categoria mais ampla) é usado para representar uma espécie (uma subcategoria mais específica).

O *Plural de Indeterminação Universal* serve para referenciar toda a humanidade ou um grupo muito amplo, sem definir os contornos precisos deste grupo. Em essência, ele toma a humanidade (*genus*) para representar grupos específicos (*species*) dentro dela. Esta forma de expressão adere pro-

9 No contexto do *Plural de Indeterminação Universal*, as generalizações se referem a referências abstratas a grupos extremamente vastos e indeterminados, como toda a humanidade ou grandes segmentos da população. Em tais casos, a vastidão do grupo referido torna impossível ou impraticável especificar quem exatamente compõe esse conjunto. Na Retórica, generalizar é uma maneira de aludir a uma categoria mais ampla ou a um conjunto mais vasto de entidades ou ideias, sem se ater a detalhes individuais ou particulares. Na Semântica, é interesante a perspectiva de Müller (2003) e de Oliveira e Cunha (2011), sobre a genericidade, que se refere à propriedade de um enunciado ser interpretado como se aplicando de forma ampla e indefinida, em vez de se referir a uma entidade específica. Isso é frequentemente associado a contextos em que se quer falar de algo de uma maneira geral, sem se referir a uma instância específica. Ou seja, quando se utiliza a linguagem para se referir a categorias gerais ou a todos os membros de uma categoria. No contexto da língua portuguesa, a genericidade pode ser expressa de diversas formas. Algumas das estratégias para expressar genericidade incluem: Uso de artigos definidos com substantivos no singular: Por exemplo, "O leão é um animal feroz" refere-se a leões em geral, não a um leão específico; Uso de pronomes indefinidos: Palavras como "algum", "qualquer" e "certo" podem ser usadas para indicar genericidade. Por exemplo, "Qualquer aluno pode entender esse conceito". Uso de substantivos no plural sem determinantes: Por exemplo, "Cães são leais" refere-se a cães em geral. Observamos que o *Plural de Indeterminação Universal*, em sua função de englobar vastos grupos de pessoas, é uma manifestação particular da genericidade no discurso.

eminência retórica porque apela para um senso de unidade e universalidade, sugerindo que certos sentimentos, pensamentos ou experiências são compartilhados por todos, independentemente das diferenças individuais.

A noção de auditório universal[10] de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2017) é uma ferramenta conceptual que possibilita a ligação entre o *Plural de Indeterminação Universal* e a Sinédoque Generalizante. O auditório universal, no discurso filosófico, representa a busca por universalidade dos filósofos, que almejam não apenas persuadir, mas convencer. Há um imperativo ético ligado a essa noção, em que se sugere que alguns argumentos devem ser válidos para todos, com a intenção de universalidade, visando a persuasão dos indivíduos razoáveis da sociedade. O público é, por sua vez, abstrato e universal.

Quando a linguagem busca apelar para este auditório, ela adota um tom que é ao mesmo tempo específico e abrangente. É aqui que a sinédoque *genus pro specie* se torna especialmente relevante. Ao se referir à humanidade (*genus*) para representar subgrupos ou comunidades individuais (*species*), o orador ou produtor está, intencionalmente ou não, fazendo uso da figura de linguagem. Essa estratégia retórica não apenas fortalece a mensagem, mas também a torna mais acessível e relevante para um público mais amplo.

1.2 Referencialidade da Primeira Pessoa do Plural e possibilidades retóricas

Segundo Wang e Karimi (2019), as pessoas gramaticais estão relacionadas à noção de referência, que é parte central do significado do texto. As pessoas do discurso podem evocar ou direcionar a atenção para um assunto específico. Eles fornecem aos leitores informações sobre as principais entidades da mensagem que precisam ser processadas, portanto, afetam a compreensão do texto dos leitores.

Sobre a referencialidade das pessoas do discurso, é fundamental o estudo de Benveniste (1991: 258), que criou um parâmetro para caracterizar a oposição entre as correlações de pessoas verbais: 1) *Correlação de personalidade*, "que opõe as pessoas *eu/tu* à não-pessoa *ele*"; e 2) *Correlação de subjetividade*, "interior à precedente e opondo *eu* a *tu*". Para compreendermos essas correlações, podemos pensar na interação face a face[11]. Em relação à correlação de personalidade, Benveniste

10 Enquanto o conceito de auditórios universais de Perelman está ancorado em um contexto argumentativo, a associação com o *Plural de Indeterminação Universal* nesta análise visa ilustrar a similaridade na abrangência e na universalidade que ambos procuram atingir. Em nosso *corpus*, observamos que essa estratégia é mobilizada consistentemente com intenções retóricas. A associação entre o *Plural de Indeterminação Universal* e os auditórios universais não é uma equivalência direta, mas sim um paralelismo que destaca a capacidade retórica de ambos em alcançar e persuadir uma audiência abstrata e universal.

11 O estudo de Benveniste sobre as pessoas do discurso não se limita apenas à interação face a face em diálogos. Ele também explora, por exemplo, a dinâmica das pessoas em situações de monólogo, cuja ausência de um interlocutor imediato desencadeia uma série de particularidades na utilização das pessoas do discurso. Em um monólogo, a relação entre *eu*, *tu* e *ele* adquire nuances distintas, já que o *eu* se dirige a um ouvinte ausente ou implícito, transformando, em certa medida, o papel tradicional do *tu*. Além disso, o *ele* pode ser evocado de maneiras variadas, tanto como uma referência distante quanto como uma entidade que assume uma presença imediata no discurso, dependendo da situacionalidade.

observou uma oposição entre *eu/tu* e *ele*, pois, em uma interação entre *eu* e *tu*, ou seja, entre um falante e um ouvinte, o *ele* está fora da alçada dos dois interlocutores e, por isso, é classificado por Benveniste como *não pessoa*, pois é um sujeito do discurso e não participa da interação.

Conforme Benveniste (1991), *eu*, *tu* e *ele* designam formas linguísticas que indicam a *pessoa*. Em relação ao *eu*, o pesquisador afirma que não se refere a um indivíduo particular, mas "a algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor" (Benveniste 1991: 288)[12].

Quanto à referencialidade da PPP, Benveniste (1991) observou dois principais sentidos relacionados ao *nós* (para o autor, 4ª pessoa): o *nós inclusivo* que significa "a junção da *pessoa não subjetiva* com o *eu* implícito" e o *nós exclusivo*, que significa a junção do *eu* com a "*não-pessoa*" (BENVENISTE: 257). Logo, o *nós inclusivo*, para Benveniste, e para muitos outros linguistas, como Fiorin (1995, 1996), Lopes (1998), Manetti (2015), Marques e Ramos (2015), Fauci (2016), Bini (2023), trata-se de inúmeras possibilidades que envolvem o *eu* + *tu*, como *eu* + *vós*; *eu* + *tu* + *ele*; *eu* + *tu* + *elas*; *eu* + *vós* + *eles* etc., enquanto o *nós exclusivo* corresponde a inúmeros grupos em que o *tu* não é incluído, como *eu* + *ele*; *eu* + *eles*; *eu* + *elas* etc., tratando-se, portanto, de descrições dêiticas. Janner, Costanza e Sutermeister (2015) afirmam que, de modo geral, pode-se afirmar que em toda a linguística românica, a quarta pessoa de Benveniste (PPP), com algumas exceções, recebeu pouca atenção.

A referência à PPP, conforme Screti (2015), Manetti (2015), Bossong (2015) e Maurizi (2017), é conceituada como envolvendo o grupo de pessoas instanciado pelo falante. Sobre a identidade desse "grupo de pessoas", Posio (2012) observa que está sujeita a variações consideráveis, podendo incluir qualquer ser humano, desde o destinatário até uma Terceira Pessoa ou pessoas, uma instituição ou mesmo toda a humanidade.

De acordo com Farré (2020), por meio da distinção entre *nós* e *eles*, é possível expressar um certo sentimento de pertencimento, afiliação e inclusão social. Através das indicações de proximidade ou distância, da associação a um *nós* e da dissociação discursiva em relação aos outros, forja-se e gerencia-se a trama de uma identidade social, na qual os outros podem eventualmente se incorporar como parte do *nós* e participar de uma relação dialógica, guiados a partir da intencionalidade do articulista. Nesse sentido, o pronome *nós* permite construir discursivamente diferentes relações de *inclusão* e *exclusão*, como marcador identitário a serviço da orientação social, mas também funcional à construção ideológica de autodefinições grupais e posicionamentos antagônicos.

12 Segundo Benveniste (1991), não há conceito de eu que englobe todos os *eu* que se enunciam a todo instante no sentido em que há, por exemplo, um conceito de "árvore" ao qual se reduzem todos os empregos individuais de *árvore*. Assim, o *eu* não denomina nenhuma entidade lexical, pois "é um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como sujeito" (Benveniste 1991: 288). Há que se ressaltar que, ao considerar que o *eu* designa um sujeito linguístico e não um indivíduo em particular, não significa que o *eu* não possa projetar características do *eu* singular na construção da imagem de si, ao contrário: apenas se evidencia o caráter dêitico do pronome pessoal e dos demais elementos linguísticos que materializam a primeira pessoa.

O *Plural de indeterminação universal* é uma estratégia linguística que expande a referencialidade para abranger uma universalidade não especificada. Ao contrário dos plurais específicos, que se referem a grupos definidos e identificáveis, esse tipo de plural evoca uma generalidade que é tanto indefinida quanto abrangente. Quando um produtor emprega esse plural, não se refere necessariamente a todos os membros de um grupo de maneira literal, mas sim utiliza um mecanismo retórico para evocar a ideia de totalidade.

A utilização do *Plural de indeterminação universal*, portanto, pode ser altamente estratégica no discurso, já que permite ao falante construir um efeito de sentido de consenso ou ubiquidade, mesmo quando isso pode não ser factualmente preciso. Ele pode ser usado para transmitir a ideia de que uma determinada opinião ou situação é compartilhada por todos, criando assim uma sensação de unanimidade. No contexto retórico, a mobilização desse plural como uma sinédoque funciona como uma figura de linguagem na qual uma parte (no caso, um grupo representado) é usada para representar o todo (uma universalidade ou coletividade mais ampla). Por exemplo, dizer "nós, seres humanos, desejamos a paz" é uma maneira de evocar um desejo universal por paz, mesmo que haja exceções individuais.

2. Descrição dos tipos de Plural de indeterminação Universal

No *corpus*, o cotexto permitiu a identificação de três tipos de *Plural de Indeterminação universal*, que são utilizados quando o produtor pretende generalizar afirmações e inclui um grupo muito grande de indivíduos, por meio da PPP: a) *Gênero*; b) *Condição Humana*; c) *Temporalidade*, cujas especificidades semânticas são descritas e exemplificadas nesta seção. Apesar de não ser o objetivo deste artigo realizar uma análise estatística comparativa da mobilização dessa função nas variedades da língua, os dados evidenciam que, no *corpus*, o *Plural de Indeterminação universal* é muito mais recorrente no português europeu: 71,9% das ocorrências são realizadas na *Nova Águia*, enquanto 28,1% são mobilizadas na *Cult* (português brasileiro); e que os três tipos estão presentes nas duas variedades.

Plural de Indeterminação Universal relacionado a Gênero:

Este tipo de *Plural de Indeterminação Universal* é mobilizado em contextos que se referem especificamente às mulheres, tanto como leitoras quanto como representantes de aspectos universais da condição humana. Em vez de aludir à humanidade em geral, essa aplicação específica destina-se a evocar sentimentos, experiências e perspectivas que são associadas ou consideradas comuns a um determinado gênero. Neste uso, a PPP pode ser uma ferramenta para reivindicar espaço, identidade e voz para as experiências de gênero, como nos Recortes 1 e 2:

> *Recorte 1:* Os outros tais, vós, são resultado da imperfeição de **nós**, porque dotadas e não cumpridoras, **nós** próprias que sem o peso de culpa, esse sentimento que a **nós** é algo avesso (Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, Revista *Nova Águia,* 2018).

> *Recorte 2:* Mas sem querer defrontar o feminismo, mas também para o não provocar, sabia que seria indispensável aligeirar um pouco o amargo e retirar alguns espinhos dos poemas, afinal **nós** somos muitas vezes a face doce e materna de Deus (Dossiê *Dalila Pereira da Costa*, Revista *Nova Águia*, 2018).

No recorte 1, a expressão “dotadas e não cumpridoras” sugere que as mulheres são dotadas de certas qualidades ou habilidades, mas não cumprem certos padrões ou expectativas sociais. Aqui, a sinédoque é percebida na generalização representada pelo *nós*, que, embora se refira a algumas mulheres, pode ser interpretado como abrangendo todas as mulheres.

No recorte 2, o *nós* novamente refere-se às mulheres. A expressão “a face doce e materna de Deus” sugere que as mulheres são frequentemente vistas ou esperadas para serem carinhosas, cuidadosas e nutridoras – características convencionalmente associadas à maternidade. A sinédoque é observada na maneira como a PPP – que pode inicialmente representar um grupo específico de mulheres ou a perspectiva da autora – é usado para fazer generalizações ou inferências sobre a natureza ou o papel de todas as mulheres.

Nos dois recortes, a PPP serve como uma sinédoque ao representar todas as mulheres, embora possa inicialmente se referir a um subconjunto ou à perspectiva da autora. A generalização sugere uma universalidade, atribuindo características ou qualidades específicas a todas as mulheres. Esta estratégia retórica amplifica o impacto do discurso e engloba um grupo mais amplo sob o manto da representação.

Além da função sinédoquica, a mobilização da PPP nos recortes 1 e 2 revela uma ferramenta retórica de construção de identidade. Ao empregar *nós* em contextos relacionados ao gênero feminino, a autora não apenas generaliza experiências e sentimentos associados às mulheres, mas também estabelece uma identidade coletiva, uma unidade que reúne diversas vozes femininas sob uma representação única. Esta coletivização serve como um meio de reforçar a sororidade, criando uma fronteira discursiva que contrasta com os "outros", que estão fora desse círculo de identidade. Ao fazer isso, a PPP torna-se um ato afirmativo, uma declaração de pertencimento e, simultaneamente, uma reivindicação da singularidade e valor das experiências femininas.

Esta construção de identidade por meio da PPP não apenas destaca a individualidade de certas experiências, mas também as posiciona em contraste com experiências externas, acentuando ainda mais a importância da perspectiva feminina no discurso. No entanto, é crucial observar que, enquanto o *corpus* foca majoritariamente no feminino, outros textos, fora deste corpus, poderiam mobilizar a PPP para estabelecer uma relação similar de gênero focando na figura masculina, o que evidencia a versatilidade e amplitude da PPP como instrumento retórico na construção de identidades.

Plural de Indeterminação Universal relacionado à Condição Humana:

Este tipo de *Plural de Indeterminação Universal* refere-se a uma função retórica na qual o produtor mobiliza a PPP para abordar ou representar a humanidade em geral, transcendendo especificidades como gênero, etnia, nacionalidade ou qualquer outra categorização social. O uso é intencionado para evocar sentimentos de coletividade, universalidade e comunalidade, sugerindo que a experiência ou situação descrita é compartilhada por todos os seres humanos, independentemente de suas diferenças individuais ou culturais.

Essa estratégia retórica permite ao falante ou escritor conectar-se com uma audiência ampla, ressaltando as experiências e emoções universais que todos compartilhamos. Ao fazer isso, pode-se enfatizar a interconexão da humanidade, destacando a ideia de que, apesar de nossas muitas diferenças, há aspectos fundamentais da experiência humana que são compartilhados por todos, como nos Recortes 3 e 4:

> *Recorte 3:* Três vias ou caminhos pedagógicos para um magistério que é um Mistério ou a Filosofia do Absoluto (até como Nada, não – ser ou Zero) que **nos** possibilita e que é, por via dessa possibilidade aberta pela **nossa** condição humana, condição mesma da nossa arqui-passibilidade e possibilidade ... aqui no mundo e, quem sabe, talvez aquém e para além dele (Dossiê *Fidelino de Figueiredo*, Revista *Nova Águia*, 2018).
>
> *Recorte 4:* A obsessão dos mortos e da morte revela-se motor do devir histórico, pois é com seres do passado que **construímos** o presente: "o homem tem atrás de si uma infindável cadeia de mortos a impeli-lo, e todos os gritos que se soltaram no mundo desde tempos e memoriais se lhe repercutem na alma" (Dossiê *António Nobre e Raul Brandão*, Revista *Nova Águia*, 2018).

Nos recortes 3 e 4, a PPP é mobilizada de maneira a capturar aspectos universais da condição humana. No recorte 3, o uso da PPP nos trechos "que nos possibilita" e "pela nossa condição humana" enfatiza a ideia de que todos os seres humanos compartilham certas possibilidades e condições intrínsecas à humanidade. A PPP destaca a universalidade da condição humana e a maneira como a filosofia e a pedagogia interagem com essa condição. Em vez de se referir a um grupo específico ou a algumas pessoas, o produtor aborda a experiência coletiva e universal de ser humano, e como a experiência nos conecta a conceitos mais profundos e transcendentes.

No recorte 4, a referência à "obsessão dos mortos e da morte" e à ideia de que "o homem tem atrás de si uma infindável cadeia de mortos a impeli-lo" atesta a inevitabilidade da mortalidade que todos os seres humanos enfrentam. O uso da PPP enfatiza a ideia de que a história e os eventos do passado continuam a ecoar na experiência humana contemporânea, influenciando e moldando nossas ações, sentimentos e perceções. A PPP constrói uma sinédoque para a vastidão da experiência humana, capturando a vasta gama de emoções, eventos e circunstâncias que compõem a história compartilhada. Em ambos os recortes, a sinédoque é empregada através da PPP para encapsular a amplitude e profundidade da experiência humana. Em vez de se concentrar em indivíduos ou grupos específicos, a PPP serve como uma estratégia que imprime o efeito de interconexão e da experiência compartilhada de toda a humanidade.

Plural de Indeterminação Universal relacionado à Temporalidade:

Este tipo de *Plural de Indeterminação Universal* refere-se à mobilização da PPP para abordar a relação coletiva e universal da humanidade com o tempo, seja em termos de passado, presente ou futuro. Este tipo de uso da PPP destaca o caráter compartilhado e inescapável da experiência temporal que todos os seres humanos enfrentam, independentemente de diferenças culturais, geográficas ou individuais. Ao mobilizar esta forma de plural, o produtor tem a intenção de evocar uma sensação de continuidade histórica, a efemeridade da existência ou a inevitabilidade do futuro.

Essa estratégia retórica serve para conectar a audiência com a vasta tapeçaria do tempo, ressaltando a posição da humanidade dentro do fluxo contínuo temporal. Ao fazer isso, o produtor pode despertar reflexões sobre legados, destinos e o papel de cada indivíduo dentro da inexorabilidade do tempo, como no Recorte 5:

> Recorte 5: Por alguma razão **gostamos** de efemérides. Talvez por **sermos** tão impressionáveis quando se trata de tempo. Desde que **nascemos acostumamo-nos** a acompanhar o passar das

> horas, acúmulo delas em anos. **Nosso** mundo ainda hoje coberto de penas, e de vidas cada vez mais secas (Dossiê *Graciliano Ramos*, Revista *Cult*, 2018).

O Recorte 5 apresenta uma reflexão sobre a relação humana com o tempo, e isso é evidente desde o início da passagem. Em "gostamos", a PPP é mobilizada para englobar a humanidade como um todo. O termo "efemérides" refere-se a aniversários ou outros eventos que são lembrados em datas específicas e têm uma conexão direta com a passagem do tempo. A inclusão de "gostamos" sugere que há um interesse humano universal em marcar e lembrar o passar do tempo.

O trecho "Talvez por sermos tão impressionáveis quando se trata de tempo" sugere que toda a humanidade é sensível ou facilmente afetada pela noção de tempo. O uso da PPP em "sermos" indica que essa sensibilidade ao tempo é uma característica universal, algo intrínseco à humanidade. O trecho a seguir, "Desde que nascemos acostumamo-nos a acompanhar o passar das horas, acúmulo delas em anos", aborda a consciência inata do tempo que os seres humanos desenvolvem desde o nascimento. A expressão "acostumamo-nos" mais uma vez utiliza a PPP para sugerir que essa consciência do tempo é uma experiência compartilhada por todos os humanos.

Na sequência, "penas" pode simbolizar desafios, tristezas ou cargas que a humanidade carrega, enquanto "vidas cada vez mais secas" pode indicar não só um sentimento de perda ou declínio, talvez relacionado à passagem do tempo e à transitoriedade da existência humana, mas também intertextualidade direta com a obra *Vidas Secas*, escrita pela personalidade homenageada no dossiê. O "nosso", aqui, novamente situa toda a humanidade dentro deste cenário.

Evidencia-se que os usos do *Plural de Indeterminação Universal* conferem uma sinédoque, empregada no recorte por meio da representação de toda a humanidade e sua relação coletiva e universal com o tempo. Essa estratégia retórica evoca um sentimento de coletividade e destaca a experiência compartilhada da passagem do tempo, sugerindo que, apesar das individualidades, existe uma experiência humana fundamental que todos compartilham e perpassa a noção de tempo.

2.1 *Plural de indeterminação Universal:* sinédoque do tipo *genus pro specie*

O *Plural de Indeterminação Universal* emerge como uma ferramenta retórica que possibilita uma generalização ao englobar um vasto conjunto de indivíduos sob uma única representação. Ao fazer isso, transforma-se em sinédoque, figura de linguagem que utiliza uma parte para representar o todo. Esta representação, quando habilmente utilizada, tem o potencial de ressoar profundamente com a audiência, criando um efeito amplificado de inclusão e identificação.

Nos três tipos de *Plural de Indeterminação Universal* apresentados — relacionados ao gênero, à condição humana e à temporalidade — verifica-se esta estratégia em ação. Quando associado ao gênero, o *Plural de Indeterminação Universal* destaca e valida experiências e perspectivas femininas, reivindicando espaço e voz para tais experiências. No que diz respeito à condição humana, o *Plural de Indeterminação Universal* lembra os aspectos universais da experiência humana, transcendendo diferenças de gênero, etnia ou cultura, e apontando para uma coletividade e interconexão entre os seres humanos. Relativamente à temporalidade, o *Plural de Indeterminação Universal* engaja os leitores numa reflexão sobre a passagem do tempo, algo que todos os seres humanos, independentemente de suas origens ou circunstâncias, inevitavelmente enfrentam. É relevante mencionar que uma única ocorrência pode, por vezes, mobilizar

mais do que um dos tipos mencionados, que pode simultaneamente evocar múltiplas dimensões da experiência humana.

Ao servir como sinédoque, o *Plural de Indeterminação Universal* não só proporciona generalizações, mas também ressoa de maneira a conectar-se emocionalmente e intelectualmente com o público, promovendo a persuasão e o convencimento. As mensagens que mobilizam essa estratégia têm a capacidade de serem mais envolventes, pois apelam para experiências e sentimentos universais.

Considerações finais

O presente artigo buscou investigar a mobilização retórica de um uso específico da PPP com função inclusiva: o *Plural de Indeterminação Universal*, e sua configuração enquanto sinédoque do tipo *genus pro specie*. Através da análise de recortes textuais extraídos de 36 textos do gênero dossiê, com usos da PPP, publicados em revistas de cultura e literatura do Brasil e de Portugal, pudemos identificar a presença recorrente desta estratégia em 10 dos textos, que formaram o *corpus* central da pesquisa.

O estudo identificou três tipos de Plural de Indeterminação Universal: a) Gênero, utilizado para destacar e validar experiências e perspectivas femininas, criando uma identidade coletiva que reforça a sororidade; b) Condição Humana, que aborda a humanidade em geral, transcendendo especificidades como gênero, etnia e nacionalidade, ressaltando experiências e emoções universais compartilhadas por todos os seres humanos; e c) Temporalidade, que evoca a relação coletiva e universal da humanidade com o tempo, enfatizando a continuidade histórica e a efemeridade da existência, promovendo reflexões sobre legados e destinos compartilhados. Esses tipos demonstram a versatilidade da PPP como ferramenta retórica na construção de identidades e na promoção da interconexão humana.

Nossos achados evidenciaram a riqueza e a complexidade dessa estratégia discursiva. Ao usar o *Plural de Indeterminação Universal*, os produtores textuais não só englobam um coletivo, mas também estendem a representação para expressar aspectos universais. Os três usos principais identificados mostram que a ferramenta linguística pode generalizar e, ao mesmo tempo, especificar, envolvendo a audiência em um efeito de sentido que ancora a credibilidade do produtor à experiência humana compartilhada.

É imperativo reconhecer algumas limitações deste estudo. A seleção de textos, embora diversificada, foi limitada a revistas de cultura e literatura. Isso significa que outras esferas do discurso, como a política, a ciência ou a mídia, não foram contempladas na análise. A prevalência maior do *Plural de Indeterminação Universal* no português europeu sugere a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre as diferenças culturais e contextuais entre as variedades da língua portuguesa. Seria interessante explorar se essa tendência se mantém em outros gêneros discursivos e em diferentes contextos comunicativos.

Para pesquisas futuras, recomendamos expandir o escopo para incluir outras variedades do português, como o africano ou o asiático, e analisar o uso do *Plural de Indeterminação Universal* em contextos orais. Este estudo evidencia que o *Plural de Indeterminação Universal*, enquanto sinédoque, é um exemplo de como os produtores de texto podem evocar sentimentos de universalidade e inclusão, conectando-se profundamente com sua audiência e proporcionando reflexões sobre a experiência humana coletiva.

Referências bibliográficas

Ädel, A. 2014. Metonymy in the semantic field of verbal communication: A corpus-based analysis of word. *Journal of Pragmatics*, Volume 67, June 2014, Pages 72-88.

Benveniste, E. 1991. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3 ed. Campinas-SP.

Bini, R. P. 2023. *Eu (e nós) proteano:* funções retóricas da primeira pessoa do discurso e a construção de ethos em dossiês das revistas Cult e Nova Águia. 360f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2023.

Bini, R. P.; Sella, A. F. 2023. Nós da nação: a busca pela adesão da audiência por meio do pathos nacionalista em dossiês das revistas Cult (Brasil) e Nova Águia (Portugal). *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 23(1), 190-209. Doi: https://doi.org/10.47369/eidea-23-1-3699.

Bini, R. P. Sella, A. F. 2023A. *Retórica e ensino:* estratégias de transposição teórica. Pedro & João Editores. Doi: https://doi.org/10.51795/9786526507506.

Bini, R. P. Sella, A. F. 2023B. Plural de modéstia em sujeito oculto: marca de constituição atenuada da proeminência autoral. *Revista de Filología y Lingüística*, Vol. 50, Núm. 1, e57628, Doi: https://doi.org/10.15517/rfl.v50i1.57628.

Bossong, G. Nosotros, un panorama tipológico. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015, p. 45-70.

Breal, M. 1992. *Ensaio de Semântica*. Sao Paulo, EDUC/Pontes.

Cult. *Sobre*. 2023. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/sobre/. Acesso em: 30 jan. 2023.

Fauci, N. L. Noi, persona politica. Associazione perlLa Storia della Lingua Italiana (ASLI). *L'italiano della politica e la politica per l'italiano*. Napoli: Franco Cesati Editore, 2016. p. 387-400.

Fiorin, J. L. *As astúcias da enunciação:* as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

Fiorin, J. L. *A pessoa subvertida*. Língua e Literatura, n. 21, p. 77-107, 1995.

Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. 2015. Une persone à multiples facettes. Introduction. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros:* Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, p. 7-22.

Lopes, C. R. S. 1998. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, vol.14 n.2 São Paulo.

Manetti, G. 2015. Il noi tra enunciazione, indessicalità e funzionalismo. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). Noi, Nous, Nosotros: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales.

Marques, M. A.; Ramos, R. 2015. Marcas deíticas da presença do locutor no discurso científico. Dissertações de mestrado apresentados na Universidade do Minho. *Redis:* revista de estudos do discurso, nº 4.

Maurizi, B. *La prima persona plurale nei discorsi dei politici italiani:* dalla prima alla seconda Repubblica. 129f. 2017. Tese apresentada ao Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari, da Università degli Studi di Padova.

Perelman, C.; Olbrechts-Tyteca, L. 2017. *Tratado da argumentação:* a Nova Retórica. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Reisigl, M. 2006. Rhetorical tropes in political discourse. Brown, K. (Ed), *Encyclopedia of language and linguistics* (2 Edition) (p. 597-604) Amsterdam Elsevier LTD.

Velasco-Sacristán, M. 2010. Metonymic grounding of ideological metaphors: Evidence from advertising gender metaphors. *Journal of Pragmatics*, Volume 42, Issue 1, January 2010, Pages 64-96.

Screti, F. Screti. 2015. Noi: Il pronome della nazione. Janner, M. C.; Costanza, M. A. D.; Sutermeister, P. (org.). *Noi, Nous, Nosotros:* Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales.

Wang, F.; Karimi, S. 2019. This product works well (for me): The impact of first-person singular-pronouns on online review helpfulness. *Journal of Business Research*, 104, 283–294.

Zéfiro. *Revista Nova Águia*. 2020. Disponível em: https://zefiro.pt/as-nossas-coleccoes-zefiro-revista-nova-aguia. Acesso em: 20 jul. 2020.

RENAN PAULO BINI. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel (2015); em Letras Português/Italiano pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2020); e em Pedagogia pelo Centro Universitário Fael (2022). Especialista em Marketing, Propaganda e Vendas pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel (2017); Mestre (2018) e Doutor em Letras (2023) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atualmente, é Docente da Graduação em Letras e desenvolve Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como bolsista da Capes.

Correo electrónico: renanpaulobini@hotmail.com